

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt

Ano LI, número 31-32 (2.657)

Cidade do Vaticano

terça-feira 4-11 de agosto de 2020

No Angelus o Papa rezou pelo povo da Nicarágua e auspiciou novas formas de solidariedade

Sem trabalho famílias e sociedade não vão em frente

A «pobreza», causada pela «falta de trabalho... é e será um problema pós-pandémico». E para o resolver é necessária «muita solidariedade e criatividade». Com um acréscimo pessoal ao texto preparado para o Angelus dominical de 2 de agosto, o Papa Francisco desejou «que, com o empenho convergente de todos os líderes políticos e económicos, o trabalho seja relançado», pois — explicou — sem trabalho as famílias e a sociedade não podem ir em frente». O apelo do Pontífice ressoou no final da oração mariana, recitado ao meio-dia da janela do estúdio particular do Palácio apostólico do Vaticano com os fiéis presentes na Praça de São Pedro — respeitando as medidas de segurança adotadas para evitar a propagação do contágio de Covid-19 — e com quantos o seguiam através dos meios de comunicação.

Na circunstância, o Papa dirigiu um pensamento «também ao povo da Nicarágua que sofre pelo ataque à Catedral de Manágua, onde a muito venerada imagem de Cristo



foi gravemente danificada — quase destruída»; e recordou o dia do «Perdão de Assis», «o dom espiritual que São Francisco obteve de Deus através da intercessão da Vir-

gem Maria». É — esclareceu — uma indulgência plenária que pode ser recebida abeirando-se dos Sacramentos... e visitando uma igreja... recitando o Credo, o Pai-Nosso e oran-

do pelo Papa e pelas suas intenções». Além disso, «a indulgência também pode ser concedida a uma pessoa falecida», acrescentou o Bispo de Roma, realçando a importância de «colocar sempre o perdão de Deus no centro, pois “gera o paraíso” em nós e à nossa volta».

Antes do Angelus, no seu habitual comentário ao Evangelho do domingo, Francisco frisou a necessidade de traçar «o caminho da fraternidade, essencial para enfrentar a pobreza e o sofrimento deste mundo, especialmente neste grave momento». Inspirando-se no «prodígio da multiplicação dos pães» relatado pelo evangelista Mateus (14, 13-21), o Papa identificou «duas atitudes contrárias» na resposta à multidão faminta: a dos discípulos, que ao dizer a Jesus «despede-os» concretamente fazem a «proposta de um homem prático, mas não generoso: «...que se arranjem»; e a de Jesus, que «pensa de outra forma»; na realidade, «através desta situação, ele quer educar os seus amigos de ontem e de hoje para a lógica de Deus», ou seja, «cuidar do próximo; não lavar as mãos; não olhar para outro lado». Por isso, realçou, «que se desenasquem» não entra no vocabulário cristão». Ao contrário no dicionário dos cristãos, frisou Francisco, há outra «palavra que se repete no Evangelho quando Jesus vê um problema... “compadeceu-se”. Compaixão não é um sentimento puramente material; a verdadeira compaixão é sofrer com, assumir as dores dos outros». Por isso, concluiu, «talvez hoje nos faça bem perguntar-nos: quando leio as notícias de guerras, fome, pandemias... será que sinto compaixão por essas pessoas?»

PÁGINA 12

Além da cultura do provisório

Mensagem aos jovens reunidos em Medjugorje

Por ocasião do encontro anual de jovens em Medjugorje, na noite de sábado, 1 de agosto, foi lida uma mensagem enviada pelo Papa aos participantes. O texto original em croato foi entregue pelo arcebispo Luigi Pezzuto, núncio apostólico na Bósnia e Herzegovina.

Caríssimos!

O encontro anual dos jovens em Medjugorje é um tempo rico de oração, catequese e fraternidade. Oferece a todos vós a possibilidade

de encontrar Jesus Cristo vivo, especialmente na Eucaristia, celebrada e adorada, e na Reconciliação. E deste modo ajuda-vos a descobrir outra forma de viver, diferente da cultura do provisório, segundo a qual nada pode ser definitivo, mas é importante apenas aproveitar o momento presente. Neste clima de relativismo, em que é difícil encontrar respostas verdadeiras e seguras, as palavras-guia do Festival: «Vinde ver» (Jo 1, 39), dirigidas por Jesus aos discípulos, são uma bênção. Também a vós

Jesus dirige o seu olhar e vos convida a sair e a estar com ele.

Não tenhais medo! Cristo vive e quer que cada um de vós viva. Ele é a verdadeira beleza e juventude deste mundo. Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. (cf. Exort. ap. *Christus vivit*, 1). Vemos isto precisamente naquela cena evangélica, quando o Senhor pergunta aos dois discípulos que o seguem: «O que procurais?». E eles respondem: «Rabi, onde vives?». E Jesus diz: «Vinde ver» (cf. Jo 1, 35-39). Eles vão, veem e permanecem. Na memória daqueles discípulos, a experiência do encontro com Jesus ficou tão marcada que um deles até registou a hora: «e era já quase a hora décima» (v. 39).

O Evangelho narra-nos que depois de terem estado na casa do Senhor, os dois discípulos tornaram-se «mediadores» que permitem que outros O encontrem, O conheçam e O sigam. André foi contar ao seu irmão Simão e conduziu-o a Jesus. Quando viu Simão, o Mestre deu-lhe imediatamente um apelido: «Cefas», isto é «Pedra», que se tornará Pedro (cf. Jo 1, 40-42). Isto mostra que ao encontrar Jesus uma

CONTINUA NA PÁGINA 9

A lição de Romano Guardini e a luta de Jacob com o anjo

Acaba de ser publicado o livro «A luta de Jacob, paradigma da criação artística. Uma experiência comunitária de formação integral sobre Igreja, estética e arte contemporânea inspirada em Romano Guardini». Publicamos uma reflexão do nosso diretor e excertos do prefácio, escrito pelo reitor da Pontifícia Universidade Gregoriana.

PÁGINA 6



A verdadeira pandemia é a indiferença

Em conversa com o padre Gianfranco Graziola missionário nas prisões do Brasil

FRANCESCO RICUPERO

«É um grande erro pensar que fechar um indivíduo na prisão pode resolver os problemas da sociedade. Dentro das prisões o ser humano deixa de ser senhor de si mesmo; as prisões esvaziam as pessoas reduzindo-as a nada, tornando-se apenas lugares de castigo e controlo, especialmente dos mais pobres e dos jovens das periferias»: está firmemente convencido disto o padre Gianfranco Graziola, missionário da Consolata há vinte anos no Brasil, diretor-presidente da Associação de Apoio e Acompanhamento (Asaac) no seio da pastoral carcerária nacional brasileira que, a «L'Osservatore Romano», relata as difíceis condições dos prisioneiros e prisioneiras neste momento particular de emergência sanitária caracterizada pela pandemia da Covid-19, que causou mais de 2.442.000 de contagiados e mais de 87.600 mortos. «Devemos enfrentar juntos», explica, «para evitar o descontentamento da população que, para além de ter medo do coronavírus, corre o risco de morrer de fome. A Igreja está a fazer o possível para ajudar, mas sozinha não é suficiente. As instituições devem ser envolvidas».

Qual é o vosso compromisso com uma prisão de rosto humano?

A pastoral carcerária no Brasil é totalmente diferente de outras experiências no mundo, especialmente na Europa, Estados Unidos da América, Ásia e Oceânia e na própria América Latina onde trabalha o capelão da prisão, uma figura inexistente no nosso país. Aqui, a pastoral carcerária é levada a cabo pelo Povo de Deus, leigos e leigas, consagrados e consagradas, religiosos e religiosas, sacerdotes e bispos que semanal, quinzenal ou mensalmente visitam as penitenciárias nos vinte e sete estados do Brasil e no distrito federal onde se encontra a capital Brasília. Existe uma coordenação nacional que, por sua vez, se ramifica a nível estatal, regional e diocesano. O grande desenvolvimento da pastoral carcerária na sua forma atual começou com a Campanha da Fraternidade de 1997 cujo tema era: “Fraternidade e Prisioneiros” e o slogan “Cristo liberta de todas as prisões”. Mas há outro acontecimento, o “Massacre do Carandiru” durante o qual, a 2 de outubro de 1992, 111 prisioneiros da então penitenciária foram cruelmente mortos pela polícia militar. Hoje, neste lugar, banhado pelo sangue de muitos irmãos, encontra-se o parque da juventude intitulado ao saudoso cardeal Paulo



Evaristo Arns. A pastoral carcerária no Brasil tem como princípio básico e objetivo a construção de um “Mundo sem prisão”, referindo-se ao discurso de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4, 18-19) e à carta de São Paulo aos Gálatas 5, 1. A própria encíclica *Laudato si'* vem reforçar ainda mais esta nossa convicção quando afirma a necessidade de uma conversão ecológica integral.

Qual é a vossa relação com as famílias dos prisioneiros?

A rotina diária da pastoral carcerária é visitar os nossos irmãos e irmãs na prisão pondo em prática o Evangelho: «Estava na prisão e vies-te visitar-me» (Mt 25, 36). É por isso que os agentes pastorais, quando entram na prisão, vão ao encontro de Jesus e escutam-no a fim de sentir a presença misericordiosa de Deus. O crescimento desproporcionado nas últimas décadas do número de reclusos (700%) levou à criação do departamento “Mulher Prisioneira”, que hoje tem uma coordenadora nacional. A celebração em 2017 do 300º aniversário da redescoberta da imagem de Nossa Senhora no rio Paraíba, a norte do estado de São Paulo, daí o nome “Aparecida”, inspirou-nos a celebrar este jubileu pensando em “Maria e Marias na prisão”, não só nas reclusas, mas em todas as mães, esposas, filhas, irmãs que se alinham semanalmente em frente das prisões levando consigo o estigma de uma sociedade desigual e seletiva. Isto deu origem a uma nova dimensão da pastoral carcerária que é uma relação com as famílias dos prisioneiros e prisioneiras que contribui para a organização em associações, envolvendo-os e tornando-os protagonistas do projeto “Mundo sem prisão”.

O que fazem especificamente?

Pastorais inspiradas pela Doutrina Social da Igreja, e que no Brasil estão agrupadas na Comissão Pastoral Episcopal de Ação Social Transformadora, devem contribuir, a partir do Evangelho, para uma renovação efetiva da sociedade através da construção daquilo a que São Paulo chamou a “Civilização do Amor”. Conscientes, como disse Montini, de que a proclamação da Boa Nova anda de mãos dadas com a promoção humana, não podemos deixar de nos preocupar com a política, com o bem comum, a mais alta expressão da caridade, combatendo as causas que levam à prisão em massa, como acontece com os traficantes e consumidores de drogas. Por esta razão, a partir de 2013, juntamente com organizações da sociedade civil, identificamos uma série de pontos, chamados “os dez mandamentos da pastoral carcerária”, que incluímos na “agenda nacional pelo desencarceramento”.

Quais são os pontos centrais?

O documento abrange as questões cruciais do sistema prisional e apresenta algumas exigências como a suspensão dos fundos para a construção de novas unidades; a redução da população prisional e da violência produzida nas instituições penais; alterações à lei para limitar a prisão preventiva; mudanças na política de combate à droga; racionalização do sistema penal; abertura aos mecanismos de controlo social; proibição da privatização do sistema; prevenção e luta contra a tortura; desmilitarização.

Como é sentida a vossa atividade nas instituições penais?

Hoje em dia a pastoral carcerária goza da confiança tanto dos presos como das suas famílias, e tem uma credibilidade que se foi construindo ao longo do tempo, até nos campos estritamente legais e técnicos. Isto assegura o seu respeito pelas instituições e pelas muitas organizações civis e não governamentais que acompanham as questões criminais. Denunciamos constantemente a superlotação, que é o resultado de um processo de detenção em massa que viola a constituição e a burocracia do sector. De facto, nas prisões brasileiras temos aproximadamente 40% de prisioneiros/prisioneiras, e nalguns estados como o Amazonas até 60%, que são “provisórios”, ou seja, ainda não foram ouvidos por um juiz ou estão à espera de uma sentença definitiva.

Recentemente milhares de prisioneiros foram libertados por receio de que o coronavírus se difundisse ainda mais. Não acha que isto poderia aumentar a violência no país?

A situação prisional no Brasil é muito má: há falta de serviços básicos como cuidados médicos, higiene, alimentação saudável e manutenção de edifícios. Por exemplo, ao visitar uma instituição com uma capacidade de 140 pessoas, havia 1400 prisioneiros, muitos dos quais deveriam ser apenas assistidos por políticas sociais.

Na sua opinião, é necessário, em tempos de pandemia, que a política intervenha para determinar regras ad hoc, em conformidade com as atuais circunstâncias de emergência?

A fim de corrigir esta realidade e responder às graves questões sociais, os governos estão a pensar em resolver os problemas confiando a gestão do sistema penal a privados. Não queremos ver os massacres dentro das prisões, como aconteceu em Manaus em 2017 e 2019. A pastoral e outras organizações continuam a denunciar a exploração e comercialização de um sistema prisional cada vez mais cruel e desumano.

O Brasil é o segundo país mais atingido do mundo pela Covid-19: alguém está a pensar nos prisioneiros e nas famílias?

Na realidade, o sistema prisional está constantemente a experimentar várias formas de pandemia. O último exemplo é em Boa Vista, no estado de Roraima, onde uma epidemia de sarna tem sido registada na prisão agrícola de Monte Cristo des-

CONTINUA NA PÁGINA 3

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicumque suum. Non praevalentibus

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 0052121042036, e-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redazione.system@ilsol24.ore.com

Em diálogo com o padre Awi Mello no sétimo aniversário da Jmj do Rio de Janeiro

Contagiar o mundo com renovada esperança cristã

GIANLUCA BICCINI

Com quase cinquenta anos, o padre Alexandre Awi Mello é secretário do Dicastério para os leigos, a família e a vida desde 2017. Como diretor nacional do Movimento de Schoenstatt no seu país, pôde seguir de perto o Papa Francisco na primeira viagem internacional do pontificado por ocasião da Jornada mundial da juventude no Rio de Janeiro. Nesta entrevista, o sacerdote brasileiro contou a «L'Osservatore Romano» a sua experiência durante aqueles dias e falou sobre as perspectivas da pastoral juvenil neste tempo marcado pela pandemia.

De 22 a 29 de julho de 2013, há exatamente sete anos, o povo do Brasil - a nação com o maior número de católicos do mundo - pôde ver com os próprios olhos o novo Pontífice, que celebrou aquela que foi definida "uma Jmj ao ritmo de samba". Que memórias pessoais conserva com maior afeto, dado que nasceu na metrópole carioca?

Lembro-me sobretudo do caloroso acolhimento que o povo brasileiro e os jovens de todo o mundo reservaram ao Papa. Ele próprio afirmou que ficou impressionado. Guardo na memória inúmeros gestos de afeto entre o Santo Padre e o povo, como por exemplo no encontro particular com oito jovens presos. Nessa ocasião, a sua capacidade de ouvir - escuta atenta, paciente e empática - impressionou-me profundamente. Significativo para mim foi também o dia em que acompanhei o Santo Padre ao Santuário Mariano de Aparecida. Com efeito, encontramos-nos ali em 2007 para trabalhar durante a inesquecível experiência da quinta Conferência geral do episcopado la-

tino-americano e do Caribe, cujas linhas programáticas ainda hoje marcam o seu pontificado.

Na primeira Jmj do Papa Bergoglio, muitos ficaram impressionados pelo convite dirigido aos jovens argentinos a "fazer barulho", "fazer confusão". Na sua opinião, esse conselho foi praticado? Pode-se falar de uma nova geração de católicos que já não está fechada em sacristias mas é capaz de sair pelo mundo como o Pontífice continua a exortar?

O encontro com os jovens argentinos não estava previsto e o discurso foi completamente espontâneo; podia-se ver que fluía do seu coração entusiasta de pastor. Naquele período eu trabalhava no Brasil com os jovens e posso assegurar-vos que o convite do Papa foi muito bem rece-

bido. Foi o primeiro sinal da importância que os jovens iriam adquirir durante o pontificado. Com a Jmj no Rio e o forte impulso missionário dado aos jovens, o Papa iniciava um caminho que culminou no Sínodo de 2018 sobre "os jovens, a fé e o discernimento vocacional" e na publicação da sucessiva exortação *Christus vivit*; um caminho que continua a pleno ritmo através de muitas iniciativas no nosso Dicastério e em todo o mundo.

Tendo desempenhado um papel significativo na Jmj do Rio, imaginava que teria sido chamado para organizar outra no continente americano: a do Panamá, em 2019?

Ser intérprete do Papa no Brasil foi, sem dúvida, uma experiência única! Na realidade o trabalho não

foi muito, porque o Pontífice comunicou muito bem com os brasileiros e todos compreenderam a força dos seus gestos e a ternura das suas palavras! Nunca teria imaginado, então, que colaboraria tão diretamente na organização de outra Jmj na América Latina, muito menos que o teria feito do interior da Santa Sé. Mas devo dizer que, a um nível estritamente pessoal, a experiência panamenha ultrapassou a do Rio. Trabalhar na Jmj de 2019 foi uma forte experiência de comunhão eclesial: o profissionalismo e a alegria do comité organizador local, juntamente com uma grande abertura e flexibilidade, marcaram-me de forma profunda.

A devoção a Nossa Senhora está profundamente enraizada entre os membros do Movimento de Schoenstatt, ao qual pertence. Nesta perspectiva, pensa que Francisco é um Papa mariano?

Não tenho dúvidas quanto a isto. Mais do que uma simples devoção, é uma verdadeira espiritualidade mariana, enraizada no povo santo de Deus, que marca a visão e o projeto eclesial do seu pontificado. Tive a graça de o entrevistar duas vezes, de escrever um livro e uma tese de doutoramento sobre este tema. O amor do Papa a Nossa Senhora tem a ver com a visão de uma Igreja em saída, com a revolução da misericórdia e da ternura, e com a figura de uma Igreja de rosto feminino e materno, que ele está a promover cada vez mais.

Por fim, uma pergunta sobre a próxima Jornada mundial da juventude que terá lugar em Lisboa, Portugal, em agosto de 2023. Inicialmente prevista para 2022, foi adiada de um ano devido à emergência do coronavírus. Pensa que as limitações e o isolamento impostos para enfrentar a Covid-19 possam afastar os jovens da prática religiosa?

Sinceramente acho que a pandemia poderia ser uma excelente oportunidade para levar a proposta cristã aos jovens de diferentes formas. A importância dos laços familiares e pessoais, a comunicação, os cuidados intergeracionais, a solidariedade e muitos outros valores evangélicos estão a difundir-se de várias maneiras neste período específico. A própria Igreja também está a aprender a falar outras linguagens. Espero que quando a pandemia acabar, a Jmj de Lisboa possa ser uma grande ocasião para recolher as lições aprendidas hoje, oferecendo aos jovens de todo o mundo a possibilidade de se encontrarem de novo pessoalmente para alimentar a própria fé como discípulos e para se sentirem enviados como missionários, a um futuro talvez difícil e incerto, dando «espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar», como diz o Santo Padre. Imagino jovens que, quando regressarem aos seus países, se sintam chamados a empenhar-se em novas formas de hospitalidade, fraternidade e solidariedade, e que possam «contagiar» as suas comunidades com uma esperança cristã renovada.



A verdadeira pandemia é a indiferença

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

de 2019. Só a denúncia dos familiares, apoiados pela pastoral carcerária, conseguiu evitar um elevado número de mortes, que infelizmente também nesta ocasião não faltaram. Nos últimos meses, para além da preocupação com a chegada da Covid-19 às prisões brasileiras e o elevado número de infeções e vítimas, o que preocupa a nós e às famílias dos prisioneiros é o ambiente insalubre, as condições alimentares e sanitárias e a impossibilidade de visitar os prisioneiros. Durante meses, milhares de famílias não tiveram notícias dos seus entes queridos. Por esta razão, o provedor de Justiça, algumas organizações da sociedade civil e a pastoral carcerária solicitaram a instalação de telefones públicos nas unidades prisionais.

O Papa Francisco reiterou em várias ocasiões que a superlotação é um problema que se verifica em várias partes do mundo. O Brasil é certamente um país em risco?

A recente libertação de algumas centenas de prisioneiros e prisioneiras foi classificada pela imprensa como um grave perigo. No entanto, a realidade é bastante diferente. O vírus está a causar milhares de vítimas. A violência na sociedade não é causada pela libertação de prisioneiros, mas sim por outros fatores. Isto leva-nos a pensar que a verdadeira pandemia nada mais é do que a indiferença repetidamente denunciada pelo Pontífice.

Recentemente, foi enviado a todos os agentes prisionais um inquérito anónimo online sobre a situação das mulheres e em particular das mães na prisão com os seus filhos. O que pensa sobre isto?

Um capítulo importante da situação atual é a realidade do mundo feminino na prisão que sofre duplamente. Visito semanalmente a maior prisão feminina do Brasil com mais de 2.000 reclusas, em São Paulo, e do diálogo e da escuta sinto sempre uma grande preocupação pelos filhos. Muitas mães, fechadas em celas, são impedidas de abraçar

os seus filhos. Neste momento, as leis permitem a prisão domiciliar apenas para mulheres grávidas e mães com filhos até aos 12 anos de idade. Acreditamos que a libertação da prisão é a forma correta de criar uma nova sociedade, pois, quem melhor do que uma mãe pode criar os seus filhos? Porventura, em vez de julgar e condenar, somos chamados a trabalhar para criar políticas públicas que deem às mulheres a oportunidade de reconstruir uma nova vida.

Falando de detenção, refere-se a Laudato si'. Porquê?

A questão da prisão é uma pandemia pré-Covid-19 que a torna ainda mais atual e chama a nossa atenção. São necessárias políticas públicas sérias para superar e curar a pandemia que é a prisão. Temos de trabalhar por um "Mundo sem prisão". Como o Papa recorda na sua encíclica, temos de nos comprometer com uma ecologia integral, salvaguardando a casa comum para o "bom viver" de todos.

Uma das sessões do «Encontro sobre a proteção dos menores na Igreja», realizadas no Vaticano de 21 a 24 de fevereiro de 2019

ANDREA TORNIELLI

Um manual à disposição dos bispos e superiores religiosos para os orientar no tratamento de casos de abusos dos foram informados. Assim o arcebispo Giacomo Morandi, secretário da Congregação para a doutrina da fé, define nesta entrevista concedida aos meios de comunicação social do Vaticano o *Vade-mécum* publicado recentemente.

Quem preparou este documento e por que demorou tanto tempo desde que foi anunciado em fevereiro de 2019

Foi predisposto pela Congregação sobretudo graças à contribuição do Departamento disciplinar que nos últimos anos adquiriu uma experiência particular nos casos em questão. O tempo aparentemente longo para a sua elaboração deve-se ao trabalho de comparação não só na Congregação mas também fora, com peritos na matéria, com outros dicastérios e em particular com a Secretaria de Estado.

Qual é a finalidade deste Vade-mécum e a quem se dirige?

Gosto de o definir, como faz o prefeito da nossa Congregação, um "manual". Por conseguinte, não é um texto normativo, mas um instrumento à disposição dos bispos, superiores religiosos, tribunais eclesiais, profissionais do direito e também dos responsáveis pelos centros de escuta criados pelas Conferências episcopais. Na complexidade das normas e da praxe, este guia propõe-se apontar um caminho e ajudar a não se perder.

Este documento contém novas indicações?

Não. Não se promulgam novas regras. A verdadeira novidade, porém, é que pela primeira vez o procedimento é descrito de forma organizada, desde a primeira notícia de um possível crime até à conclusão definitiva da causa, unindo as normas existentes e a praxe da Congregação. As normas são conhecidas, enquanto a praxe da Congregação, ou seja, a forma prática de aplicar as normas, só é conhecida por aqueles que já lidaram com estes casos.

O Vade-mécum é um documento fechado e definitivo, ou deve ser atualizado?

Precisamente por ser um instrumento, um manual, presta-se a uma atualização contínua. Tanto devido a possíveis mudanças futuras no direito penal, como a esclarecimentos e pedidos que podem chegar a nível local da parte dos ordinários e profissionais do direito. Neste sentido, a versão que sai hoje chama-se "1.0", que pode ser atualizada. E qualquer ajuda para o melhorar é um serviço útil à justiça.



O Vade-mécum para o tratamento dos casos de abusos contra menores cometidos por clérigos

Manual para bispos e superiores religiosos

Conversa com o secretário da Congregação para a doutrina da fé

Quais são os casos de competência da vossa Congregação?

Em geral, os crimes reservados à nossa Congregação são todos aqueles contra a fé e apenas os mais graves (na linguagem comum agora em uso fala-se de *delicta graviora*) contra a moral e a administração dos sacramentos. Contudo, o *Vade-mécum* refere-se apenas a um destes crimes, que o artigo 6 do motu proprio *Sacramentorum sanctitatis tutela* atribui ao clérigo, quando ele pratica ações contra o sexto mandamento do Decálogo com menores. Trata-se dos casos que ocasionam mais manchetes nos meios de comunicação social, também devido à sua gravidade.

Quando para a Igreja se trata de abuso contra "menores"? Como mudou o limite de idade?

Na esfera penal, a criança é o menor que ainda não completou 18 anos. Neste sentido, outras distinções de idade, abaixo de 18 anos, não são relevantes. O Código latino, no cân. 1.395 § 2, ainda fala de 16 anos, mas o motu proprio *Sacramentorum sanctitatis tutela*, de João Paulo II, em 2001 elevou a idade para 18 anos. Os casos de "abuso" (como se disse anteriormente, um "crime contra o sexto mandamento do Decálogo com menores") são frequentemente fáceis de delinear, por exemplo, relações sexuais enquanto tais ou outros contactos físicos que não são propriamente "relações" mas têm uma clara intenção sexual, e outras vezes os casos são menos fáceis de delinear, com nuances que devem ser avaliadas para verificar se são *delicta graviora* no sentido jurídico, de acordo com a lei em vigor na época.

O que impressiona é a mudança de atitude em relação às denúncias anónimas,

mas, que outrora eram simplesmente descartadas. O que mudou e por que até uma denúncia anónima deve ser tomada em consideração?

A questão é delicada. Percebeu-se que uma atitude peremptória num sentido ou noutro não é boa para a busca da verdade e da justiça. Como se pode rejeitar uma denúncia que, embora seja anónima, contém certas provas (por exemplo fotos, filmes, mensagens, áudio...), ou pelo menos indícios concretos e plausíveis sobre a prática de um crime? Seria injusto ignorá-la só porque não foi assinada. Por outro lado, como considerar credíveis todas as notificações, até as genéricas e sem remetente? Neste caso, seria inapropriado proceder. Portanto, é necessário fazer um discernimento cuidadoso. Em geral, não damos crédito às denúncias anónimas, mas não desistimos *a priori* da sua avaliação inicial para ver se existem elementos objetivos e motivos evidentes, ao que na nossa linguagem chamamos *fumos delicti*.

Em que medida os casos clamorosos dos últimos anos influenciaram a redação deste documento e de outros textos recentes sobre esta matéria?

Os casos mais clamorosos são tratados como os menos conhecidos, sempre de acordo com as regras da lei. A nossa frente não há "personagens" mas pessoas: acusados, possíveis vítimas... em geral, há sempre um cenário de sofrimento particular. Certamente, a atenção dos meios de comunicação social aos casos em questão aumentou muito nos últimos anos, e isto é mais um estímulo para que a Congregação para procurar fazer justiça de uma forma cada vez mais correta e eficaz. Também por

este motivo, o *Vade-mécum* poderá ser útil.

Os bispos e superiores religiosos têm a obrigação de denunciar às autoridades civis as notícias de presumíveis abusos cometidos por clérigos?

Sobre este ponto, as Conferências episcopais nacionais prepararam diretrizes que têm em consideração os regulamentos locais. Não é possível dar uma resposta unívoca. Nalguns países a lei já prevê esta obrigação, noutros não. Com efeito, o motu proprio *Vos estis lux mundi* do Papa Francisco, promulgado no ano passado, explica que a Igreja atua em casos deste tipo «sem prejuízo dos direitos e obrigações estabelecidos em cada lugar pelas leis estatais, particularmente aquelas relativas a eventuais obrigações de notificação às autoridades civis competentes» (art. 19). Além disso, no artigo 17, também o *Vade-mécum* declara: «Até na ausência de uma explícita obrigação normativa, a autoridade eclesástica apresente denúncia às autoridades civis competentes, sempre que o considerar indispensável para tutelar a pessoa ofendida ou outros menores do perigo de novos atos delituosos».

Em que consiste o "processo penal extrajudicial"? Quando e por que se percorre este caminho?

Trata-se de um procedimento previsto pelos dois Códigos canónicos em vigor. É uma rota mais rápida. No final do processo penal extrajudicial, o ordinário (ou o seu delegado), coadjuvado por dois assessores, chega a uma decisão sobre a culpabilidade ou não do acusado e (se culpado com certeza moral) sobre a

«Comunhão e esperança» é o título escolhido pela Libreria editrice vaticana — Dicastério para a comunicação, para a versão italiana de uma publicação editada por Walter Kasper e George Augustin (Cidade do Vaticano, 2020, 166 páginas). Como diz o subtítulo, o trabalho do cardeal presidente emérito do pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos e do sacerdote alemão que fundou e dirige o instituto intitulado ao purpurado seu concidadão, reúne contribuições sobre o modo de «dar testemunho da fé em tempos de coronavírus». A seguir, o Prefácio escrito pelo Papa Francisco.

A crise do coronavírus surpreendeu todos nós como uma tempestade imprevista, mudando de repente e no mundo inteiro a nossa vida familiar, profissional e pública. Muitos choraram a morte de parentes e amigos queridos. Muitas pessoas estão em dificuldade sob o ponto de vista financeiro ou perderam o emprego. Em vários países, precisamente na Páscoa, principal solenidade do cristianismo, não foi possível celebrar a Eucaristia de maneira comunitária e pública, nem receber força e consolação dos sacramentos.

Esta situação dramática tornou evidente toda a vulnerabilidade, a inconsistência e a necessidade de resgate dos homens, pondo em causa muitas certezas nas quais nos baseamos na nossa vida diária para os nossos planos e projetos. A pandemia apresenta-nos questões fundamentais sobre a felicidade na nossa vida e sobre o tesouro da nossa fé cristã.

Esta crise representa um sinal de alarme que leva a refletir sobre o lugar onde se encontram as raízes mais profundas que sustentam todos

nós na tempestade. Recorda-nos que esquecemos e descuidamos alguns aspetos importantes da vida e faz-nos meditar sobre o que é realmente importante e necessário, e o que é menos importante ou só o é na aparência. É um tempo de provação e de escolha, a fim de podermos orientar a nossa vida de maneira renovada para Deus, nosso sustentáculo e nossa meta. Esta crise mostrou-nos que precisamente nas situações de emergência dependemos da solidariedade dos outros e convidamos a colocar a nossa vida ao serviço do

próximo de modo novo. Deve despertar-nos da injustiça global, para podermos acordar e ouvir o clamor dos pobres e do nosso planeta, gravemente doente.

Em plena crise do coronavírus, podemos celebrar a Páscoa e ouvir a mensagem pascal da vitória da vida sobre a morte. Esta mensagem frisa que, como cristãos, não devemos deixar-nos paralisar pela pandemia. A Páscoa dá-nos esperança, confiança e coragem, fortalece-nos na solidariedade. Diz-nos para superar as rivalidades do passado e para nos re-

conhecemos como membros de uma grande família que vai além de todas as fronteiras e na qual uns carregam os fardos dos outros. O perigo de contágio de um vírus deve ensinar-nos outro tipo de “contágio”, o do amor, que é transmitido de coração a coração. Agradeço os numerosos sinais de disponibilidade à ajuda espontânea e o esforço heroico dos profissionais da saúde, dos médicos e dos sacerdotes. Durante estas semanas sentimos a força que derivava da fé.

A primeira fase da crise do coronavírus, na qual não foi possível celebrar publicamente a Eucaristia, representou para muitos cristãos um tempo de doloroso jejum eucarístico. Muitos experimentaram que o Senhor está presente onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome. A transmissão mediática das celebrações eucarísticas foi uma solução de emergência que muitos agradeceram. Mas a transmissão virtual não pode substituir a presença real do Senhor na celebração eucarística. Assim, rezo por mim porque agora podemos voltar à vida litúrgica normal. A presença do Senhor ressuscitado na sua Palavra e na celebração eucarística dar-nos-á a força necessária para enfrentar os difíceis problemas que nos esperam depois da crise.

Os meus votos e a minha esperança são de que as reflexões teológicas contidas neste pequeno volume estimulem a reflexão e suscitem em muitas pessoas uma nova esperança e uma nova solidariedade. Como os dois discípulos de Emaús, também no futuro o Senhor nos acompanhará ao longo do caminho com a sua Palavra e, partindo do Pão eucarístico, dir-nos-á: «Não tendes medo! Eu venci a morte!».



Prefácio do Papa ao livro «Comunhão e esperança»

Dar testemunho da fé em tempos de coronavírus

Conversa com o secretário da Congregação para a doutrina da fé

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

pena proporcional a impor. Há prós e contras neste procedimento, também chamado “administrativo”. Procede-se deste modo extrajudicial quando, por exemplo: as circunstâncias são claras; a atividade criminosa denunciada já foi confirmada pelo acusado; o ordinário pede que se proceda deste modo por motivos bem fundamentados; a Congregação julga que é oportuno, com base nas circunstâncias particulares (pessoal qualificado, geografia, oportunidade, etc.). Naturalmente, o direito de defesa do acusado deve ser sempre e absolutamente garantido. Também por esta razão, o processo extrajudicial no direito latino prevê até três graus de recurso, a fim de assegurar tanto quanto possível a objetividade da sentença.

Referimo-nos a crimes que normalmente são cometidos sem a presença de tes-

temunhas. Como é possível averiguar a validade das acusações para garantir que os culpados sejam punidos e não possam continuar a lesar?

Adotam-se os instrumentos processuais geralmente utilizados para verificar a fiabilidade das provas. Muitos crimes, não só estes em questão, são cometidos sem testemunhas. Mas isto não significa que não possamos chegar a uma certeza. Existem instrumentos processuais que o permitem: a fiabilidade das pessoas envolvidas, a coerência das ocorrências declaradas, a eventual continuidade dos crimes, a existência de documentos acusatórios, etc. Deve-se dizer que em várias ocasiões o próprio arguido, consciente do mal praticado, admite a culpa no tribunal.

E como se pode evitar que uma pessoa seja acusada e condenada injustamente?

Quando o facto não está suficientemente provado, é válido o princípio *in dubio pro reo*. É um princípio que está na base da nossa cultura jurídica. Em tais casos, mais do que declarar a inocência, declara-se a não-culpabilidade.

Por que, quando é acusado de abuso, o clérigo pode pedir imediatamente a dispensa do celibato?

É verdade: quando o clérigo reconhece o crime e a sua inaptidão para continuar o ministério, pode pedir para ser dispensado. Assim, permanece sacerdote (o sacramento não se pode revogar nem perder) mas já não é um clérigo: deixa o estado clerical não por renúncia mas com um pedido consciente dirigido ao Santo Padre. São formas diferentes de alcançar o mesmo resultado no que diz respeito à condição jurídica da pessoa: um ex-clérigo que nunca mais se poderá apresentar como ministro da Igreja.

Uma última pergunta: pode apresentar-nos alguns dados sobre a dimensão deste fenómeno? As novas normas só trazem à luz casos do passado ou ainda hoje existe o flagelo do abuso contra menores no âmbito da Igreja?

O fenómeno está presente em todos os continentes, e continuamos a assistir ao surgimento de denúncias de factos antigos, por vezes até de muitos anos. Certamente, alguns crimes são também recentes. Mas quando esta fase de “emersão” do passado chegar ao fim, estou convencido (e todos esperamos) de que o fenómeno a que hoje assistimos poderá diminuir. Deve dizer-se, no entanto, que a vereda da verdade e da justiça é uma das vias de resposta da Igreja. Necessária sim, mas insuficiente. Sem formação adequada, discernimento cuidadoso e prevenção serena mas decisiva, por si só ela não poderá debelar este flagelo a que hoje assistimos.

A lição de Romano Guardini e a misteriosa luta noturna de Jacob com o anjo
Para um estilo profético da Igreja

ANDREA MONDA

No célebre ensaio *Sobre o sagrado*, Rudolph Otto cita um trecho do *Sermão sobre o Gênesis*, de Frederick W. Robertson, que se concentra no episódio bíblico do encontro-desencontro noturno entre Jacob e “alguém” (um anjo? o próprio Deus?) e afirma: «Naquela noite, no meio daquela estranha cena, Deus imprimiu na alma de Jacob uma consternação religiosa, a partir de então destinada a desenvolver-se [...] Jacob compreendeu o Infinito, aquele Infinito que é tanto mais genuinamente sentido, quanto menos mencionado». É uma noite de que se fala, uma noite marcada pela polarização «sombrã/luz, que começa nas trevas da solidão (Jacob ficou sozinho...)» mas acaba luminosamente (“E o sol nasceu...”). Esta noite misteriosa, cheia de sinais, enigmas e presença humana e divina, é uma noite que no âmbito da filosofia e da arte gerou de modo inesgotável, e ainda hoje não deixa de gerar, tanto pensamento como beleza.

O livro que apresentamos, *La lotta di Giacobbe, paradigma della creazione artistica*, editado por Yvonne Dohna Schlobitten e Albert Gerhards, é uma sua confirmação clara e forte já na abordagem e como Dohna explica na introdução: «A intenção deste volume não consiste em aprofundar a contribuição de Guardini, mas em *inspirar-se* nela a fim de indicar o caminho

para criar e viver experiências formativas de acordo com o seu estilo no nosso mundo contemporâneo. O projeto propõe uma nova educação para a contemporaneidade, através de um diálogo criativo para uma Igreja em saída». O que os autores, inspirando-se na leitura guardiniana do episódio bíblico (um acontecimento que contém a experiência da passagem, da transformação e da mudança), pedem à Igreja é que ela viva um estilo profético, inclusive em relação ao mundo da arte.

É forte o eco da pregação de Bergoglio, a quem o volume é dedicado, também à luz da dívida contraída, e sempre reconhecida, pelo jesuíta argentino com o teólogo italo-alemão. Neste sentido, «é esclarecedor o texto inspirado do ensaio, no qual Guardini por um lado observa o dado decisivo de que o final Jacob venceu a luta com o anjo e, por outro, reflete sobre o tema da liberdade, do dramático de Deus aos homens, chamados a «receber Deus como “bênção” e sob a forma do “nome” através da luta. Deus opõe-se a nós em tudo. [...] A sua força vem na nossa direção; mas tem a forma do amor, porque vem para ser superada»; por isso, Deus «não se eleva diante de nós como um muro, contra o qual se esmaga toda a força; não ataca como uma violência que predomina e destrói». Ao contrário, vem na figura do amor, que deseja ser vencido, para se poder conceder. Só se pode conceder se for



Emoção estética

NUNO DA SILVA GONÇALVES

O processo de criação artística adquire formas muito diferentes. Compreendemo-lo, quando os artistas aceitam falar sobre si mesmos. Nestas narrações, para além das alegrias, muitas vezes vislumbramos processos criativos laboriosos e, em particular, batalhas com a matéria que é transformada e recriada, com as palavras que adquirem novos significados, ou com os sons e os silêncios que confluem nas composições musicais.

Através da diversidade dos processos criativos, o artista narra-se a si mesmo, comunica emoções e pensamentos e, mais ou menos explicitamente, intervem no debate social. Para o espectador, numa perspectiva simétrica igualmente diversificada, a ideia ou fruição de uma obra de arte é um processo de comunhão, às vezes não imediato, por causa da riqueza dos significados que nos são propostos, ou devido à impenetrabilidade dos símbolos com que nos confrontamos. Diante da obra de arte, há necessidade de aceitação, humildade, educação dos sentidos, sensibilidade e disponibilidade ao encontro, atitudes que nos ajudam a ir além das possíveis dificuldades iniciais, para entrar no mistério da beleza e da comunhão, ou seja, no mistério daquilo que me ensinaram a denominar “emoção estética”. Neste sentido, se a criação artística adquire formas muito diferentes, é igualmente verdade que a ideia de uma obra de arte é tanto diferente quanto as pessoas envolvidas.

Os gestos da criação artística aproximam-nos do ato criador por excelência, que é o próprio Deus. Assim como a criação de Deus é um mistério que desvendamos lentamente, do mesmo modo a criação artística constitui um mistério em que só podemos penetrar pouco a pouco. Portanto, aproximam-se da experiência espiritual e da criação artística é mais urgente e necessário do que nunca. Provavelmente, este é o verdadeiro caminho para encarar o afastamento entre os artistas e a Igreja, um divórcio que São Paulo VI e os seus sucessores se esforçaram muito por superar, conscientes de que a *viva pulchritudinis* é inseparável da missão evangelizadora de todos os batizados.

Estes são os pensamentos que me vêm à mente quando folheio estas páginas, cujo fio vermelho é a apresentação do episódio bíblico da luta de Jacob como paradigma da criação artística. Com efeito, na luta de Jacob há tenacidade, superação de si mesmo, comunhão, pedido de bênção... No diálogo entre o artista, a obra de arte e quem a admira, estas atitudes são indispensáveis e deveríamos agradecer a quantos nos ajudam a aprofundar este mistério de comunhão, como acontece nestas páginas. Portanto, dirijo a minha gratidão aos autores do livro e aos participantes no projeto interdisciplinar do qual ele é o fruto. Neste projeto interdisciplinar nascido na Faculdade de História e Bens Culturais da Igreja, da Pontifícia Universidade Gregoriana, colaboraram professores, estudantes e artistas, todos envolvidos numa “luta de Jacob” que, não obstante os seus esforços, foi para todos uma confirmação, uma bênção e um enriquecimento. Agora nós, leitores, participamos nesta bênção e enriquecimento. Portanto, dirijo o meu reconhecimento e gratidão à doutora Yvonne Dohna Schlobitten, principal idealizadora e organizadora do projeto.

vencido, assim dá a força e volta a chamá-la... Como é misterioso que uma criatura deve ser “forte” perante Deus!». Sente-se o mesmo timbre de Guardini, autor de *L'opposizione polare*, um texto que teve tanto impacto no pensamento de Bergoglio. À luz deste aspeto, o ensaio de Dohna e Gerhards revela-se não apenas como um auzad texto de filosofia estética, mas também como uma requintada introdução ao pensamento e à pregação do Papa Francisco, entendidos no momento presente da “luta”, extenuante mas vital, com a contemporaneidade.



Eugène Delacroix, «Jacob luta com o anjo»

O livro

Acaba de ser publicado o livro *La lotta di Giacobbe, paradigma della creazione artistica. Un'esperienza comunitaria di formazione integrale su Chiesa, estetica e arte contemporanea ispirata a Romano Guardini* – “A luta de Jacob, paradigma da criação artística. Uma experiência comunitária de formação integral sobre Igreja, estética e arte contemporânea inspirada em Romano Guardini”, editado por Yvonne Dohna Schlobitten e Albert Gerhards (Assis, Cittadella Editrice, 2020, 570 páginas). Ao longo dos séculos, a página bíblica de Jacob que luta com o anjo, narrada pelo livro do Gênesis (32, 23-33), gerou uma infinidade de reverberações. Este volume reúne as reflexões teóricas, artísticas e pedagógicas de uma experiência de formação integral, desabrochadas deste ícone bíblico, envolvendo um grupo de professores, artistas, estudantes e várias instituições (Pontifícia Universidade Gregoriana, Kunst-Station Sankt Peter Köln, Museus do Vaticano e Museu de Arte Contemporânea de Aachen). Com efeito, a luta de Jacob pode ser entendida como paradigma da criação artística, daquele processo complexo que implica tanto a reflexão (bíblica, histórica, filosófica, estética, teológica, pedagógica e espiritual) como a praxe (pictórica, escultórica). O volume contém mais de trinta contribuições de diferentes contextos disciplinares, além das ilustrações dos projetos dos artistas participantes. Nesta página publicamos uma reflexão do nosso diretor e excertos do prefácio, escrito pelo reitor da Pontifícia Universidade Gregoriana.



«Nunca estive em lugar algum, a não ser na doença. De certa forma, a doença é um lugar, mais instrutivo do que uma longa viagem à Europa, um lugar onde ninguém te pode seguir. A doença antes da morte é algo muito oportuno, e quem não passa por ela perde uma bênção do Senhor. Também quase isola o sucesso, e nada realça a vaidade tão bem como ela.»

As palavras utilizadas pela escritora Flannery O'Connor, com a habitual precisão cirúrgica, encerram a forma extremamente eficaz o sentido da intensa entrevista concedida pelo cineasta Martin Scorsese ao diretor de “La Civiltà Cattolica”, Antonio Spadaro. Estabeleceu-se uma verdadeira e profunda amizade entre os dois, o que também acontece entre as linhas desta última conversa, publicada na edição italiana da revista dos jesuítas a 18 de julho com o significativo título *Asma e la grazia* (A asma e a graça).

Entre estes dois polos, já destacados pelas palavras de Flannery O'Connor, que falava de doença e bênção, desenvolve-se uma reflexão às vezes comovedora e vertiginosa, a partir de uma meditação sobre o período que o mundo está a atravessar, atingido pelo “furação” da Covid-19, período em que apareceu, diz Scorsese, «uma nova forma de ansiedade. A ansiedade de nada saber. Absolutamente nada. Estava tudo suspenso, adiado para não se sabe quando, como num sonho em que se fica sem fôlego, mas nunca se alcança a meta. Até certo ponto ainda é assim. Quando termina? E depois uma pergunta exata: «Se não tivesse conseguido fazer o meu filme, quem seria eu?».

A viagem para o polo negativo (a doença, a asma) é realizada até ao fim: «A ansiedade aumentava, e com ela a consciência de que talvez eu não sáisse vivo. Sofro de asma desde que nasci, e este virus parece atacar os pulmões com mais frequência do que qualquer outra parte do corpo. Compreendi que podia realmente dar o meu último suspiro naquele quarto da minha casa, que tinha sido um abrigo e que agora se tornara uma espécie de fortaleza, e que eu começava a sentir como a minha prisão. Encontrei-me a

sós no meu quarto, a viver de respiro em respiro».

A leitura destas palavras faz pensar que automaticamente no Papa Francisco que, como se sabe, com 21 anos, devido a uma forma grave de pneumonia, sofreu a remoção cirúrgica de uma parte do pulmão direito e muitas vezes usou a metáfora do pulmão, da respiração, da palpitação. Por exemplo, na recente publicação *La preghiera. Il respiro di vita nuova* (publicado pela Libreria Editrice Vaticana) afirmou: «Existem algumas funções essenciais no corpo humano, tais como o batimento cardíaco e a respiração. Gosto de imaginar que a oração pessoal e comunitária de nós cristãos é a respiração, a palpitação do coração da Igreja, que infunde a própria força no serviço de quantos trabalham, estudam, ensinam (...) Nem sempre estamos conscientes de respirar, mas não podemos parar de respirar.»

Scorsese e Bergoglio, ligados não só por problemas respiratórios comuns, mas também por uma relação de profunda estima e grande afeto, sentimentos tangíveis também no seu

Relendo a entrevista de Martin Scorsese a “La Civiltà Cattolica”

«Respirar. Aqui. Agora»
A doença e a bênção
O cineasta, o Papa, o jesuíta

último e rápido encontro em outubro, durante o Sínodo para a Amazônia, quando o Papa e o cineasta falaram sobre o filme *The Irishman* (O Irlandês) e, depois, sobre Dostoiévski, uma paixão literária comum.

Estimulado pelas perguntas do padre Spadaro, o cineasta italo-americano relacionou o momento de crise vivido durante a pandemia com uma precedente, vivida há cerca de 40 anos, no momento do grande sucesso de *Raging Bull*, um momento dramático em que Scorsese praticamente encarnou o pensamento de Pascal, para quem «toda a infelicidade dos homens deriva de uma única causa, de não sabermos estar sozinhos num quarto» e pensou: «Será que alguma vez terei a capacidade de estar sozinho num quarto, a sós comigo mesmo? Nunca poderei simplesmente ser? E muitos anos depois, de repente, aqui estou eu, sozinho no meu quarto, a viver o momento, cada instante preciso do meu estar vivo. Obviamente, era uma situação difícil, mas ei-las.»

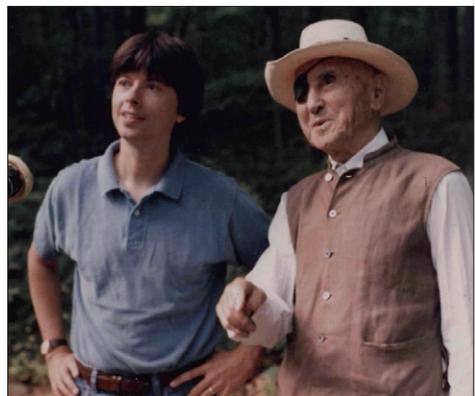
O momento crítico é vivido até ao fim, sem descontos, mas depois algo acontece: «Então, algo... chegou. Pousei em mim e dentro de mim. Não posso descrevê-lo de outra forma. De repente, vi tudo de um ponto de vista diferente e melhor. Sim, eu ainda não sabia o que ia acontecer, mas ninguém sabia. Eu poderia ter adoecido e nunca mais ter saído daquele quarto, mas se isto tivesse acontecido, não poderia fazer nada. Tudo ficou mais fácil e tive uma sensação de

alívio. E esta consciência trouxe-me de volta ao essencial da minha vida. Aos meus amigos e às pessoas que amo, às pessoas das quais tenho de cuidar. As bênções que recebi: aos meus filhos, a cada momento que passei com eles, a cada abraço, a cada beijo e a cada saudação... à minha esposa e à sorte de ter encontrado alguém com quem consegui crescer e formar uma filha, juntos e ao mesmo tempo... poder fazer o trabalho que amo». As palavras de Scorsese possuem aquela força simples que impede de acrescentar qualquer forma de comentário, até o mais discreto.

O que emerge desta conversa nua e essencial é a consciência de ter recebido um dom: «E depois algo foi-nos revelado, foi-nos doado». As antigas perguntas habituais: “Como está?”, “Está bem?” tornaram-se imediatas e cruciais. Tornaram-se vitais. Descobrimos que estávamos realmente todos unidos, não apenas na pandemia, mas na existência, na vida. Tornamo-nos verdadeiramente um só».

O ídolo cineasta transmite um pensamento aos jovens e aqui vem-me à mente outro encontro entre Scorsese e o Papa quando, durante o Sínodo dos jovens, em 2018, o livro *La saggezza del tempo* (A sabedoria do tempo), editado pelo padre Spadaro, foi apresentado num momento de encontro entre gerações e houve um bonito diálogo entre o Papa e o artista que hoje, através dos microfones de “La Civiltà Cattolica”, diz aos jovens: «Que sorte tem de estar vivos num momento tão iluminante. Muitos de nós pensamos que tudo voltará a ser como antes, mas obviamente não será assim: tudo muda sempre, e é precisamente este período que nos faz lembrar isto de modo tão forte. Pode inspirar-nos a reconhecer a nossa capacidade de melhorar. Com efeito, é isto que acontece neste momento com os protestos de massa no mundo inteiro: os jovens lutam para tornar tudo melhor».

O final da entrevista é sobre arte, cinema, literatura. Depois vem Dostoiévski e os seus irmãos *Karamazov*, Steinbeck, Kipling e finalmente um filme de Ken Burns dedicado à figura de William Segal. São comovedoras as palavras com que Scorsese comenta este filme no final da entrevista, e mais uma vez são tão verdadeiras e poéticas que não vale a pena procurar comentá-las: «Há uma cena em que Segal nos convida, através da experiência da sua tranquilidade e meditação, a concentrar a nossa atenção no que é essencial, no que acontece precisamente agora, entre uma respiração e outra. Ser. Respirar. Aqui. Agora. Não consiste em tudo isto a graça?» (Andrea Mondada)



Ken Burns e William Segal em 1992

Um título mariano poliédrico

Reflexões sobre a primeira das três novas invocações das Ladainhas lauretanas

MICHELE GIULIO MASCIARELLI

A Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos anunciou a 20 de junho, a decisão de Francisco de inserir três novas invocações nas Ladainhas lauretanas: *Mater misericordiae*, *Mater spei*, *Solacium migrantium*. O Pontífice acrescentou as três invocações acima mencionadas; aqui queremos ilustrar e teologicamente comentar a primeira delas, a *Mater misericordiae*. É um título poliédrico, ou seja, multifórmico, complexo, multifacetado, variegado, polimórfico, capaz de expressar com riqueza e argúcia de significados, além do mistério de Deus, também do homem, da sua história e da sua cultura.

“*Mater misericordiae*”
um título antigo e atual

Como se pode ver na mais antiga oração mariana, *Sub tuum praesidium confugimus*, a Igreja, inspirada pela Escritura, chama Maria com termos alusivos à misericórdia. Nesta célebre prece coral, Maria é apresentada como sinal de mãe misericórdia: «Sob a tua misericórdia / refugiamonos, Mãe de Deus! / Não deixes de considerar as nossas súplicas nas nossas dificuldades. / Mas livra-nos do perigo, única casta e bendita!» (G. Giamberardini, *Il culto mariano in Egitto*, Jerusalém, Studium Biblicum Franciscanum, 1975, volume 1, pág. 74).

Talvez tenha sido precisamente no período patrístico avançado que, pela primeira vez, Maria foi chamada “mãe da misericórdia”, por Tiago de Sarug. Este título propagou-se desde aquela época, como que por um contágio espiritual. Assim, reza-se e canta-se que «ao Misericordioso é conveniente uma mãe de misericórdia»: Romano, o Melodista (primeira metade do século VI) afirmou que Maria também amava «os estrangeiros e os inimigos, porque era verdadeiramente a mãe da misericórdia, a mãe do Misericordioso» (*Testi mariani del primo millennio*, Roma, Città Nuova Editrice, 1988-1991, volume 2, pág. 264).

Além do contexto de oração, o título *Mater misericordiae* é utilizado também com uma intenção teológica mais aberta: por exemplo, por João, o Geómetra (final do século X), que desenvolve um interessante raciocínio teológico, chegando à conclusão de que, por ter sido Maria misericordiosa primeiro na vida e agora no céu, «Aquele que ama imensamente os homens torna-se ainda mais misericordioso, Ele que a escolheu por causa do amor que nutre pelos homens, e que a constituiu não só como mãe misericordiosa, mas também como mediadora e reconciliadora com Eles» (*ibid.*, pág. 966).

Muito mais tarde, à voz de Maria une-se Teofânio de Niceia, que se expressa desta forma: «Ela [Maria], na verdade e sem qualquer ficção, é a misericórdia divina, uma vez que é cheia de bondade, misericórdia e amor entusiasta. [...] Porque ela é entranhas da misericórdia divina»

(*Sermo in SS. Deiparam*, M. Jugie, Roma, col. Lateranum 1, 1935, pág. 194).

O título de *Mater misericordiae* não demorou a difundir-se no Ocidente cristão. Com este título Maria foi invocada e venerada na grande vida monástica medieval: paradoxalmente, apenas no século X, chamado *saeculum pessimum*, ou também “século de ferro”, um monge, Odão de Cluny, costumava invocar Maria com o título muito suave de *Mater misericordiae* (*Vita Odonis Clun.*, II, 20: pl 133, 72). Mais uma vez, com traços largos, na grande época da Escolástica não faltavam a reflexão teológica nem a atitude orante à Virgem Mãe. Por exemplo, Santo Anselmo de Aosta (m. 1109) declina na perspectiva da cooperação de Maria na ótica da redenção, enquanto São Bernardo insiste sobre o poder de intercessão materna de Maria como advogada misericordiosa (*In nativitate B.M.V.*, *Sermo* 7).

Também na era moderna, o título *Mater misericordiae* se confirma tanto na esfera teológica como na da piedade. São Lourenço de Brindisi chama Maria “Mãe da Misericórdia”, para dizer que ela é “infinitamente misericordiosa”; e Santo Afonso Maria de Ligório apresenta Maria acima de tudo como a mãe com olhos misericordiosos: Ela é «toda olhos, a fim de nos amparar a nós, miseráveis, nesta terra» (*Le glorie di Maria*, Valsele Tipografica, Materdomini, 1987, pág. 1, cap. 1, pág. 221).

Por fim, mais uma vez com traços rápidos e distantes, no nosso tempo, o título *Mater misericordiae* foi reiteado, com especial solenidade, por São João Paulo II em duas das suas encíclicas: *Dives in misericordia* e *Redemptoris Mater*. Este título recebeu um novo impulso com o chamado “*Missal Mariano Italiano*” (1987) que dedica oito formulários, de 39 a 46, à intercessão misericordiosa de Maria. O formulário 39 traz de forma

explícita este título: “Virgem Maria rainha e mãe da misericórdia”.

Face a uma palavra suave e inquietante

Quando se fala de misericórdia, como nesta ocasião da nova invocação litânica *Mater misericordiae*, desejada pelo Papa Francisco, deparamo-nos com uma palavra muito suave (é a forma mais desejável de amor) mas também complexa. Com efeito, sobre ela pesa uma história de equívocos e incompreensões, a ponto de se poder falar de “misericórdia exilada” da nossa cultura, especialmente porque prevaleceu a ideia de que é considerada uma atitude fraca, renitente e até superficial.

Certamente, misericórdia é uma palavra até perturbadora. Temos um sintoma disto quando vemos que foi “suspeita de ideologia” por Karl Marx, que vê nela uma presumível antítese à justiça, ou até quando Friedrich Nietzsche a define «a mais insalubre das virtudes» (cf. F. Nietzsche, *L'Anticristo. Maledizione del cristianesimo*, Milão, Adelphi, 1977, pp. 8-9).

Ao contrário, para os cristãos misericórdia é uma palavra rica de profunda densidade misteriosa, que deve ser evidenciada tanto a nível gnoseológico como operacional, como faz o Papa Francisco, na ótica do ano jubilar da misericórdia (2015-2016) e, num certo sentido, dando-lhe a possibilidade de perdurar no tempo. Ele confirma que a misericórdia não é oposta à justiça, não é a sua superação, mas a sua ultrapassagem. Assim, Maria não pode ser considerada uma “Mãe da misericórdia” em antítese à justiça divina.

Maria, mãe do Redentor e “mãe do Juiz”

Misericórdia não é fraqueza, especialmente em Deus, cujo amor infinito não justifica qualquer conceito simplista da vida cristã, dado que quer uma medida cada vez maior de fidelidade: a misericórdia é o “código” exigente que considera parciais e insuficientes todos os nossos comportamentos baseados nas medidas mínimas do “que é devido”. No cristianismo não se dá um julgamento sem misericórdia, nem uma misericórdia sem julgamento; por isso, «devemos manter em toda a sua força a antítese justiça incorruptível – perdão infinito» (X. Tillet, *La beatitudine della misericordia*, in *Communio* [setembro-outubro de 1983], 11).

Maria, ao mesmo tempo, é a mãe do Redentor, a mãe do Juiz, como Ambrósio Autperto – um monge do século VIII em San Vincenzo sul Volturno, nos arredores de Benevento – se expressa maravilhosamente, dirigindo-se

a ela: «Recebe o que oferecemos, obtém o que pedimos, perdoa o que tememos, pois não encontramos ninguém mais capaz do que tu, pelos próprios méritos, de aplacar a ira do Juiz, tu que merecestes ser a mãe do Redentor e do Juiz» (H. Barré, *Prêtres anciens de l'occident a la mère du Sauveur. Des origines à saint Anselme*, Paris, Lethieux, 1963, pág. 44). Assim, pela sua existência pessoal, Maria indica a conciliabilidade entre misericórdia e justiça. Pela sua participação no mistério da Cruz, ela é ícone de Cristo como infinitamente perdoador, ao passo que com o seu ser imaculada e toda santa, é ícone d’Ele como incorruptivelmente justo.

“*Mater misericordiae*”: um grande título para uma grande Mãe

A grandeza da misericórdia está implícita no facto de sermos obrigados a ela, porque dela depende a nossa salvação. «Precisamos sempre – afirma o Papa Francisco – de contemplar o mistério da misericórdia. É uma fonte de alegria, serenidade e paz. É uma condição da nossa salvação» (Bula *Misericordiae vultus*, 11 de abril de 2015, n. 2). Com o título *Mater misericordiae* afirma-se que Maria é uma grande mulher porque a sua maternidade se refere a uma realidade de plenitude da misericórdia. Pois nela tudo está contido: a lei e os profetas dependem do amor a Deus e aos irmãos (cf. *Mt* 22, 40).

De acordo com o Pontífice, «o mistério da fé cristã parece encontrar a sua síntese nesta palavra» (*Misericordiae vultus*, 1). A misericórdia – embora seja uma palavra primária, central e final da história da salvação – cresceu na duna da indiferença e do esquecimento: é um tema “imperdoavelmente negligenciado”, mas felizmente nas nossas últimas décadas eleva-se uma intensa “invocação”, a ponto de se impor como «tema fundamental para o século XXI» (cf. W. Kasper, *Misericordia. Concetto fondamentale del Vangelo – Chiave della vita cristiana*, Brescia, Queriniana, 2013, pp. 5-26).

Na misericórdia Deus manifesta-se plenamente e compromete a sua honra, que é a sua surpreendente responsabilidade. Segundo o método inverso, poder-se-ia dizer que se Deus não exercesse a misericórdia, deveria ser temido porque seria um Deus irresponsável. Mas não é dada esta hipótese, como diz o Papa Francisco: «A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós» (*Misericordiae vultus*, 10). Portanto, na misericórdia há a semente de toda a teologia cristã: tudo acontece dentro do seu arco, até o mistério de Maria, e portanto é grandioso afirmar que a Mulher de Nazaré e Jerusalém é a “Mãe” e que, consequentemente, esta Mãe é colocada na ordem do princípio.

Com a invocação *Mater misericordiae*, inserida nas Ladainhas lauretanas, o Papa Francisco deseja pedir ao povo cristão que faça da misericórdia uma linha infalível no seu ca-



Antoniazio Romano, “Virgen con o Menino” (1430-1508)



Domenico Ghirlandajo
 “Nossa Senhora da Misericórdia”
 (Igreja de Todos os Santos, Florença)

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

minho sinodal rumo ao «Norte de Deus» (H.U. von Balthasar), que é o Céu.

Misericórdia e Maria
 “uma micro-história da salvação”

Chamando Maria com a expressão original e densa «micro-história da salvação» (Stefano De Fiores), pretende-se dizer que a Mãe do Messias brilha em filigrana em todos os caminhos de Deus, ou seja, nas suas formas de comportamento na história. Assim, para aprofundar a figura da Virgem Maria, é necessário explorar a história da salvação, mas também: olhando para a sua pessoa e a sua participação na obra messiânica de Jesus, pode-se ver o designio da história da graça com a qual o Deus trinitário salva os homens e toda a criação.

Este designio sagrado mostra uma rede abrangente de misericórdia, que por isso, permeia toda a economia das duas alianças, a ponto que é

possível dizer que “misericórdia” é uma das palavras que melhor descreve a verdade do cristianismo: «Não é exagero dizer», escreve Rino Fisichella, «que com o conceito de misericórdia se atinge uma das mais altas expressões da revelação cristã e ao seu redor convergem os temas centrais da fé» (*Sulla Teologia della Misericordia*, in Aa.Vv., *Misericordia. Volto di Dio e dell'umanità nuova*, Milão, Edizioni Paoline, 1999, pág. 119).

Com o seu título de *Mater misericordiae*, Maria lembra que participou, e que ainda participa, numa história de salvação cujo idealizador e primeiro sujeito é um Deus de misericórdia, um Deus “empático” e “simpático”, Deus-Amor (cf. *Jó* 4, 8). A misericórdia – recorda o Papa Francisco – «tornou-se viva, visível e atingiu o seu ápice em Jesus de Nazaré» (*Misericordiae vultus*, 1), que «nasceu de mulher» (*Gl* 4, 4): Jesus foi gerado pela Virgem Mãe, que assim se tornou “Mãe de Misericórdia” ou Mãe do Misericordioso *Redemptor hominis*, que encarna ao máximo

a empatia e a simpatia do Pai pelo homem. Como Deus feito homem, Jesus aproxima Deus do homem e o homem de Deus. Com esta dupla aproximação, Jesus prova que é o revelador e o mediador de um Deus dos corações, ou seja, de um Deus de misericórdia que tem um coração inclinado sobre os homens a fim de os salvar.

Com a Encarnação
 que teve lugar na Mulher,
 a misericórdia
 torna-se história e cultura

No ventre de Maria, a misericórdia de Deus entra nas veias da história salvífica. Nas Escrituras não é simplesmente questão de um Deus que tem amor, mas de um Deus que é amor, aliás, que desde sempre é misericórdia: «A misericórdia faz da história de Deus com Israel uma história de salvação. Repetindo constantemente: “Eterna é a sua misericórdia”, como diz o Salmo, parece querer quebrar o círculo do espaço e do tempo para inserir tudo no mistério eterno do amor. É como se dissesse que não só na história, mas para a eternidade o homem estará sempre sob o olhar misericordioso do Pai» (*Misericordiae vultus*, 7). A quebra do espaço e do tempo do homem ocorre no coração e nas entrañas da Virgem de Nazaré, quando se torna Mãe do Messias.

Contudo, Maria não é *Mater misericordiae* só porque gerou o Filho misericordioso, mas também porque assumiu, como mãe messiânica, o projeto trinitário de misericórdia mediante os seus atos de cooperação com o Filho salvador, e também fez

seu o plano divino na sua existência pessoal, tornando-se modelo de mulher, irmã e mãe de misericórdia para todos. Como podemos ver, em Maria dá-se uma geometria paradoxal: mais do que qualquer outra criatura, ela mostrou que a imitação do Deus misericordioso é em si mesma uma ascensão imitativa, que vai da base da experiência humana ao ápice do mistério de Deus, e também que à perfeição da misericórdia do Pai se eleva, paradoxalmente, por um caminho horizontal rumo aos irmãos: «Misericórdia: é a lei fundamental que habita no coração de cada pessoa, quando olha com olhos sinceros para o irmão que encontra no caminho da vida» (*Misericordiae vultus*, 2).

Inserindo a invocação de *Mater misericordiae* nas Ladainhas lauretanas, o Papa Francisco quis recordar, entre outras coisas, a urgência da misericórdia de Deus para o nosso tempo, que se apresenta, especialmente aos mais fracos, com as mandíbulas abertas de um terrível tigre cínico. O princípio da misericórdia é necessário também para os dias futuros, que parecem incertos e muitas vezes ameaçadores. «A todos, crentes e distantes – o Papa deseja – possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós» (*Misericordiae vultus*, 5).

Por fim, com a misericórdia, faz-se cultura. Maria, como mulher inserida na geografia e na história dos homens, com toda a sua humanidade recorda-nos que a misericórdia deve assumir os traços da concretude. Por conseguinte, cabe aos cristãos superar o distanciamento entre a misericórdia e a cultura. O Papa Francisco lamenta «o esquecimento do tema da misericórdia na cultura dos nossos dias» (*Misericordiae vultus*, 11). A preocupação do Papa deve ser compreendida e investigada cuidadosamente.

É inegável que existe um sentimento de indiferença em relação à misericórdia por parte da cultura, quer da cultura elevada quer da cultura entendida como vivência e como paradigma sapiencial de vida. Neste último nível, o estridor entre as duas palavras é ainda maior: hoje a regra fundamental subjacente aos comportamentos é a mercantil do *do ut des* e do *do ut facias*, do *facio ut des* e do *facio ut facias*, enquanto a misericórdia é colocada na perspectiva do mistério do Deus trinitário que recorda o princípio da paternidade e o problema do homem que evoca o da fraternidade, dois princípios que convergem no da gratuidade.

Maria, mulher que vive dos dons de Deus desde o nascimento até agora, que é a gloriosa no Céu, admoesta-nos amavelmente que a matriz extrema da vida é a gratuidade, o dom radical da misericórdia, cuja rejeição é a única miséria insuperável.

Mensagem aos jovens reunidos em Medjugorje

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

pessoa torna-se nova e recebe a missão de transmitir esta experiência a outros, mas mantendo sempre o olhar fixo n'Ele, o Senhor.

Caros jovens, encontrastes este olhar de Jesus que vos pergunta: «O que procurais»? Ouvistes a sua voz que vos diz: «Vinde ver»? Sentistes aquele impulso a iniciar o caminho? Destinai tempo para estar com Jesus, para vos encher do Seu Espírito e estardes prontos para a fascinante aventura da vida. Ide ter com Ele, ficai com Ele em oração, confiai-vos a Ele que é um perito do coração humano.

Este bom convite do Senhor: “Vinde ver”, narrado pelo jovem e amado discípulo de Cristo, é também dirigido aos futuros discípulos. Jesus convida-vos a encontrar-vos com Ele e este Festival torna-se uma oportunidade para “vir e ver”. A palavra “vir”, além de indicar um movimento físico, tem um significa-

do mais profundo e espiritual. Indica um itinerário de fé cujo objetivo é “ver”, ou seja, experimentar o Senhor e, graças a Ele, ver o significado pleno e definitivo da nossa existência.

O grande modelo da Igreja com um coração jovem, pronto a seguir Cristo com vivacidade e docilidade, permanece sempre a Virgem Maria. A força do seu “sim” e daquele “faça-se em mim” que ela disse ao anjo impressiona-nos sempre. O seu “sim” significa entregre-se e assumir riscos, sem outra garantia que não seja a certeza de ser portadora de uma promessa. O seu «Eis a escrava do Senhor» (*Lc* 1, 38) é o mais bonito exemplo que nos diz o que acontece quando o homem, na sua liberdade, se abandona nas mãos de Deus. Que este exemplo vos encante e guie! Maria é a Mãe «que vela pelos filhos: por nós, seus filhos, que muitas vezes caminhamos na vida cansados, carentes, mas desejosos que a luz da esperança não se apague. Isto é o que queremos: que

a luz da esperança não se apague. A nossa Mãe vê este povo peregrino, povo jovem amado por Ela, que A procura fazendo silêncio no próprio coração, ainda que haja muito barulho, conversas e distrações» (*Christus vivit*, 48).

Queridos jovens, «correi atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito Santo vos impulsiona nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé» (*ibid.*, 299). Na vossa corrida para o Evangelho, animada também por este Festival, confio-vos a todos à intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, invocando luz e força do Espírito para que sejais verdadeiras testemunhas de Cristo. Por isto rezo e abençoo-vos, e peço-vos também que receis por mim.

Roma, São João de Latrão,
 29 de junho de 2020

O Dicastério para os leigos, a família e a vida relança o apelo do Papa aos jovens para que cuidem dos idosos

Não os deixeis sozinhos

Na aliança entre as gerações há a recordação da avó Rosa e a relação com Bento XVI

MAURIZIO FONTANA

«Não os deixeis sozinhos!». Atencioso e preocupado, o Papa faz suas as dificuldades dos mais frágeis neste tempo marcado pela pandemia, e pensa nos numerosos idosos que, nas redes do distanciamento social, correm o risco de precipitar na solidão e no abandono. Para os ajudar o Papa chamou os jovens, que considera colaboradores privilegiados nesta obra, convidando-os a «fazer um gesto de ternura a favor dos idosos», disse no Angelus de domingo, 26 de julho, «especialmente os mais solitários, nas casas e nas residências, aqueles que há muitos meses não veem os seus entes queridos. Caros jovens, cada um destes idosos é o vosso avô!».

O apelo foi imediatamente retomado pelo Dicastério para os leigos, a família e a vida, que no seu site (www.laityfamilylife.va) lançou a campanha «Cada idoso é teu avô». Uma iniciativa que, para envolver em maior medida as novas gerações, aposta também na difusão, em todos os canais sociais, do hashtag #sendyourhug «manda o teu abraço». No respeito pelas normas de saúde em vigor nos vários países, trata-se do convite muito concreto feito pelo bispo de Roma: «Recorrei à fantasia do amor, fazei-lhes telefonemas, chamadas em vídeo, enviai mensagens, ouvi-os e, se possível em conformidade com as normas médicas, ide

também visitá-los. Mandai-lhes um abraço!». Depois, os posts mais significativos serão relançados pelo portal. De resto, como se lê num comunicado do Dicastério, nestes meses muitas Conferências episcopais, associações e fiéis individualmente, com «a fantasia do amor», encontraram o modo de transmitir aos idosos sozinhos a proximidade da comunidade eclesial. Agora, acrescenta-se, «onde for possível, ou quando a emergência sanitária o permitir, convidamos os jovens a tornar ainda mais concreto o abraço, indo visitar pessoalmente os idosos».

O apelo de Francisco foi forte e ao mesmo tempo confiante da parte de quantos sentem e vivem um vínculo profundo com as jovens gerações. Afinal de contas, ele mesmo se sente um avô a quem os netinhos podem recorrer a qualquer momento: como quando, durante a viagem às Filipinas em janeiro de 2015, a multidão o chamou *Lolo Kiko* («avô Francisco») e ele disse várias vezes que se sente feliz com esta familiaridade.



Sim, familiaridade. Com efeito, na base desta solicitude está uma realidade que, desde o início do pontificado, Bergoglio dispôs como central no seu magistério, a da família. Nelle, em particular, ressaltou constantemente a importância de uma ponte entre as gerações, de uma aliança de vida pela qual os jovens levam em frente os sonhos dos idosos, e os netos constroem o futuro sobre as raízes sólidas dos valores herdados dos avós. Perante uma sociedade que considera os idosos um fardo, um elemento improdutivo, um descarte, o Papa propõe incansavelmente a «riqueza dos anos» como um bem precioso para a comunidade inteira.

Os idosos são a sabedoria da família, certamente não um peso inútil; e mediante a sua experiência e a sua memória, podem oferecer uma contribuição para a vida da sociedade. Conceitos reiterados em várias ocasiões, nas homilias, nas catequeses, durante as viagens e as visitas pastorais, ou no recente Sínodo dedicado aos jovens. Mas sem nunca apostar em raciocínios teóricos. Quando Francisco fala desta relação, toca sempre a carne da vida, recorda anedotas, visualiza com palavras o que emerge da vida quotidiana. E usa imagens concretas, como aquela eloquente da árvore que, quando se desprende das raízes, não cresce, não dá flores nem frutos. «O que a árvore tem de florescido vem daquilo que tem de enterrado», disse no domingo passado, citando os versos do poeta argentino Francisco Luis Bernárdez (1900-1978).

Quantas vezes o Pontífice se referiu, com discrição e ternura, ao relacionamento que o unia à querida avó Rosa? À maneira como ela distribuía pérolas de sabedoria e de bom senso ao netinho; ao modo como ela o ensinava a rezar? Numa ocasião, explicou: «As palavras dos avós têm algo especial para os jovens. Também a fé se transmite assim, através do testemunho dos idosos, que fizeram dela o fermento da própria vida. Sei isto por experiência pessoal. Ainda hoje trago sempre comigo, no meu breviário, as palavras que a minha avó Rosa me deu

por escrito no dia da minha ordenação sacerdotal; leio-as frequentemente e fazem-me bem». E quantas vezes, transferindo essas imagens familiares para aquela que é a família da Igreja, Francisco falou de Bento XVI, o Papa emérito, como de um avô confiável e sábio? «É como ter — disse numa entrevista — um avô sábio em casa!».

«Cada idoso é teu avô»: o apelo do Papa, na contingência de um período tão difícil para toda a sociedade, faz renascer este tesouro e relança aquela ponte entre as gerações, aquele nexo precioso entre raízes e futuro, que dá esperança à humanidade. Porque — como disse o Pontífice em fevereiro passado, aos participantes no congresso «A riqueza dos anos», organizado precisamente pelo Dicastério para os leigos, a família e a vida — é preciso fitar os idosos «com um novo olhar», pois também eles, como os jovens e com os jovens, «são o presente e o futuro da Igreja».

Dia dos trabalhadores rurais

Compartilhar os produtos da terra

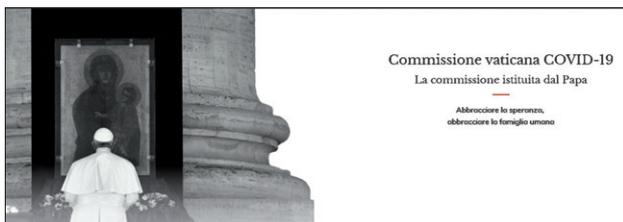
«Em nome do Papa Francisco e também da minha parte, queremos manifestar a nossa alegria pelo bonito gesto de distribuição de alimentos que as famílias da Reforma agrária no Brasil continuam a fazer nestes tempos de Covid-19», escreveu o cardeal Michael Czerny, subsecretário do Departamento para os migrantes e refugiados do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral (Dsdhi), numa mensagem enviada por ocasião do Dia dos trabalhadores rurais, celebrado no país latino-americano no dia 25 de julho.

Agradecendo ao «Movimento dos sem-terra» (Mst) que distribuiu mais de 2.500 toneladas de alimentos às famílias pobres, o purpurado salientou que «compartilhar os produtos da terra para ajudar as famílias necessitadas nas periferias das cidades constitui um sinal do Reino de Deus que gera solidariedade e comunhão fraterna». A este propósito, recordando o episódio evangélico da multiplicação dos pães e dos peixes, o cardeal Czerny acrescentou que «a partilha produz vida, cria vínculos fraternos e transforma a sociedade», com a esperança «de que este gesto se multiplique e encoraje outras pessoas e grupos a fazer o mesmo».

O purpurado concluiu a mensagem, desejando «que o Espírito Santo vos proteja contra o vírus e vos infunda coragem e esperança nestes tempos de isolamento social!».

Um site por semana

Linhas-guia para a crise

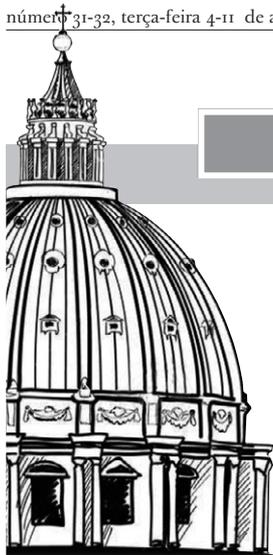


FABIO BOLZETTA

«Expressar a preocupação e o amor da Igreja por toda a família humana face à pandemia de Covid-19, especialmente através da análise e reflexão sobre os desafios socioeconómicos e culturais do futuro e a proposta de diretrizes para os enfrentar». A Comissão do Vaticano COVID-19 também está presente online. O website, publicado no portal do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral, recolhe as atividades dos cinco grupos de trabalho (agir agora para o futuro, olhar para o futuro com criatividade, comunicar esperança, procurar diálogo e reflexões comuns, apoiar para preser-

var) e dedica um espaço a reflexões espirituais «que servem para que a alma encontre força e motivação para ir jubilosa rumo ao futuro». É também possível subscrever o boletim informativo para receber semanalmente os resultados dos trabalhos de investigação e de reflexão científica da Comissão sobre segurança, economia, ecologia e saúde. Entre os meios de comunicação social do Vaticano, é enorme o esforço de Vatican news, que em www.vaticannews.va/it/events/covid-19.html, publica uma recolha diária e constantemente atualizada de notícias em «Especial Covid-19 além da crise».

www.humandevopment.va/it/vatican-covid-19.html



INFORMAÇÕES

Caltanissetta, até agora Docente e Reitor da Pontifícia Faculdade Teológica da Sicília «San Giovanni Evangelista», em Palermo.

D. Francesco Lomanto nasceu no dia 2 de março de 1962, em Mussomeli, Diocese de Caltanissetta, na Itália, e recebeu a Ordenação presbiteral em 29 de junho de 1986.

No dia 27 de julho

Diretor da Direção de Saúde e Higiene do Governatorato do Estado da Cidade do Vaticano, Sua Ex.^{cia} o Prof. Andrea Arcangeli, até esta data Vice-Diretor da mesma Direção. A nomeação entrará em vigor no dia 1 de agosto.

No dia 29 de julho

Bispo da Diocese de Balsas-MA (Brasil), o Rev.^{do} Pe. Valentim Fagundes de Meneses, M.S.C., até à presente data Superior Provincial dos Missionários do Sagrado Coração da Província do Rio de Janeiro, com sede em Juiz de Fora-MG.

D. Valentim Fagundes de Meneses, M.S.C., nasceu a 22 de julho de 1953 em Aguaiava, na ilha dos Açores, Diocese de Angra (Portugal). Estudou filosofia na pontifícia Universidade católica de Campinas e teologia na pontifícia

Faculdade de teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Em 2 de fevereiro de 1979 emitiu a profissão religiosa na congregação dos missionários do Sagrado Coração de Jesus e foi ordenado Sacerdote em 2 de julho de 1982. Em seguida, desempenhou os seguintes cargos: vigário paroquial (1983-1985) e depois pároco (1986-1988) de Pai Eterno e São José, no bairro Cidade de Deus no Rio de Janeiro; pároco em Salvador (1989-1991), da Imaculada Conceição em Nova Iguaçu (1992-1996), de Nossa Senhora das Dores em Floresta do Araguaia (1997-2001) e, sucessivamente, de Buen Pastor de Turubamba em Quito, no Equador (2002-2007). Voltou para o Brasil como vigário paroquial de Nossa Senhora do Sagrado Coração em Contagem (2008), foi pároco de Nossa Senhora da Ajuda em Monte Formoso (2009-2011) e de Nossa Senhora do Sagrado Coração em Praça Seca (2012-2014). Na sua congregação foi formador dos estudantes de filosofia em Belford Roxo (1992-1996) e no seminário menor, em Santíssima Conceição do Araguaia (1997-2001), vice-provincial (2012-2014) e depois superior (2014-2020) da Província do Rio de Janeiro. Além disso, desempenhou a função de conselheiro da Conferência dos religiosos do Brasil em Brasília-DF (1984-1988) e de professor de teologia pastoral no Instituto filosófico e teológico Paulo VI, em Nova Iguaçu (1992-1996).

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 19 de julho

D. Louis Dicaire, Bispo Titular de Thizica, ex-Auxiliar da Diocese de Saint-Jean-Longueuil, no Canadá.

O saudoso Prelado nasceu em Montreal (Canadá), a 29 de agosto de 1946. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 20 de janeiro de 1974 e foi ordenado Bispo em 25 de março de 1999.

A 24 de julho

D. Bernard Mosiuoa Mohlalisi, Bispo Emérito de Maseru (Lesoto).

O ilustre Prelado nasceu na localidade de Ha'Malijeng, no Lesoto, a 16 de março de 1933. Foi ordenado Sacerdote em 14 de julho de 1963, para os Oblatos de Maria Imaculada, e recebeu a Ordenação episcopal no dia 7 de outubro de 1990.

A 26 de julho

D. Rafael Barraza Sánchez, Bispo Emérito da Diocese de Mazatlán, no México.

O venerando Prelado nasceu em Durango (México), no dia 24 de outubro de 1928. Recebeu a Ordenação sacerdotal em 28 de outubro de 1951 e foi ordenado Bispo no dia 25 de janeiro de 1980.

Renúncia

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 24 de julho

De D. Salvatore Pappalardo, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Siracusa (Itália).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 24 de julho

Arcebispo Metropolitano de Siracusa (Itália), o Rev.^{do} Pe. Francesco Lomanto, do clero da Diocese de

Apoio das congregações religiosas a quantos deixaram o norte do país devido à violência das milícias

Solidariedade face ao terror em Moçambique

ENRICO CASALE

Chegam apenas com as roupas que usavam no momento da fuga. Há terror nos seus olhos. Um medo profundo que os abala. Viram as suas aldeias arrasadas. Os seus amigos e parentes mortos sem razão aparente. Conseguiram salvar-se, mas nada voltará a ser como antes. São os refugiados que fogem da província de Cabo Delgado para se refugiar na província vizinha de Nampula. Estamos no extremo norte de Moçambique onde, desde há três anos, as milícias espalham o pânico entre a população local.

«Ninguém sabe quem são os autores destes ataques, explicou o padre Arlain Pierre, haitiano, missionário scalabriniano em Nampula. Proclamaram-se milicianos jihadistas pertencentes ao Estado islâmico. Alguns analistas afirmaram que poderia ser um jogo de gato e rato na luta pelo controle dos poços de petróleo de que a região é rica. Atualmente difundiu-se a tese generalizada de que são milicianos ligados ao tráfico de drogas. Talvez esta tese se aproxime da realidade, porque o norte de Moçambique poderia tornar-se uma área estratégica para o tráfico de drogas provenientes da Ásia Central. É difícil dizer onde está a verdade».

Perante os ataques, o Estado reforçou o contingente de soldados e polícias. A África do Sul e a Rússia

prometeram o apoio na luta contra as milícias. O próprio presidente Filipe Nyusi pediu ajuda aos países vizinhos, falando desta ameaça como de «um perigo comum».

Os primeiros ataques foram organizados na área rural da província de Cabo Delgado em 2017. Inicialmente os milicianos visavam pequenas aldeias. Atacaram-nas e mataram brutalmente homens, mulheres e crianças. Incendiaram as cabanas e as colheitas. E no final, desapareceram e regressaram aos seus refúgios. Por dois anos, os principais alvos foram as aldeias. Depois, este ano, houve o «salto de qualidade». A 23 de março, os rebeldes fizeram o seu lance mais ousado, conquistando a cidade de Mocimboa da Praia retirando-se em seguida. Dois dias mais tarde conquistaram Quissanga, cem quilómetros a norte de Pemba. Estes ataques demonstraram uma melhor capacidade militar e, acima de tudo, foram perpetrados com armas mais modernas (em vez dos machetes e facas que foram utilizados no início). Já há mais de mil vítimas.

O terror espalhou-se por toda a província do norte. «O povo está assustado e foge das aldeias – observou o padre Arlain – já há dois mil refugiados só em Namialo, e centenas aqui em Nampula. Fogem da violência e da destruição que abalam a província norte de Cabo Delgado

há vários meses. A situação é delicada».

Os refugiados chegam à província de Nampula em condições difíceis. Muitos escaparam à violência e fugiram de casa com o pouco que podiam carregar. Por isso, falta tudo. A comunidade de Nampula mobilizou-se e começou uma corrida de solidariedade. As pessoas recolhem alimentos e roupas para doar à Cáritas local. Esta, por sua vez, distribuiu-os aos refugiados. «Estamos também muito comprometidos como congregações religiosas – disse o padre Arlain – nós scalabrinianos trabalhamos em conjunto com os combonianos, espiritanos, claretianos e os missionários da Consolata. Entraram em campo também religiosas de diferentes congregações. Foram acolhidas 300 pessoas na paróquia da Santa Cruz, dirigida pelos combonianos. Reunimo-nos periodicamente para fazer um balanço das necessidades e depois tomamos medidas para recolher o que for necessário».

A Igreja local trabalha em colaboração com a Defesa civil nacional, mesmo que nem sempre seja fácil distribuir a ajuda. Muitas pessoas que fugiram do norte são acolhidas por familiares e amigos que vivem na província de Nampula. Estão espalhados por todo o território e é difícil alcançá-los. «Infelizmente ou felizmente não há campos de deslocados onde concentrar ajuda e assis-

tência – explicou o padre Arlain – e por isso é necessário percorrer todo o território para levar o nosso apoio a estas pessoas».

Muitas delas, além da ajuda material, necessitam de apoio médico e psicológico. Foram submetidas a traumas muito severos. «Os testemunhos recolhidos – disse o missionário – falam de violência sem precedentes. De milicianos que espancam e matam membros de pequenas comunidades. Desta forma, assim que pressentem um ataque, as pessoas correm para se refugiar na floresta, à espera que os milicianos partam. São momentos de puro terror! Têm medo de ser descobertas e eliminadas. Muitas vezes, entre outras coisas, quando regressam à sua aldeia, encontram as suas casas arrasadas, os seus bens destruídos ou roubados, as suas colheitas saqueadas. O choque é enorme, especialmente nas camadas mais vulneráveis da população, os idosos e as crianças».

Há medo também na população de Nampula. «Esta região – concluiu o scalabriniano – foi um dos centros da longa guerra civil travada em Moçambique nos anos oitenta e início dos anos noventa. A memória dos combates e das privações ainda está viva. Existe o medo de que a nova violência chegue também aqui e envolva a população local. Ninguém quer precipitar num novo conflito».

ANGELUS

Novas formas de solidariedade para o pós-pandemia

Sem trabalho famílias e sociedade não vão em frente

Com o gesto da multiplicação dos pães «Jesus pretende educar os seus amigos de ontem e de hoje na lógica de Deus», a «de se ocupar do próximo»: foi a lição que Francisco tirou do Evangelho de domingo, 2 de agosto, comentado da janela do estúdio particular do Palácio apostólico do Vaticano antes de recitar a prece mariana do meio-dia com os fiéis presentes na praça de São Pedro — no respeito das medidas de segurança adotadas para evitar a difusão do contágio de Covid-19 — e com quantos o seguiam através da mídia.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho deste Domingo apresenta-nos o prodígio da multiplicação dos pães (cf. Mt 14, 13-21). A cena verifica-se num lugar deserto, onde Jesus se tinha retirado com os seus discípulos. Mas as pessoas vão procurar-no para o ouvir e ser curadas: de facto as suas palavras e gestos curam e dão esperança. Ao pôr do sol, as multidões ainda lá estão, e os discípulos, homens práticos, convidam Jesus a despedi-las para que possam ir buscar comida. Mas Ele responde: «Dai-lhes vós de comer» (v. 16). Imaginemos os rostos dos discípulos! Jesus sabe muito bem o que está prestes a fazer, mas quer mudar a atitude deles: não diz “despedi-os, que se desentramquem, que encontrem sozinhos de comer”, não, mas “o que nos oferece a Providência para partilhar? Duas atitudes contrárias. E Jesus quer levá-los à segunda atitude, porque a primeira proposta é a proposta de um homem prático, mas não é generosa: “despedi-os, deixai que vão, que se arranjam”. Jesus pensa de outra forma. Jesus, através desta situação, quer educar os seus amigos de ontem e de hoje na lógica de Deus. E qual é a lógica de Deus que vemos aqui? A lógica de cuidar do próximo. A lógica de não lavar as mãos, a lógica de não olhar para o outro lado. A lógica de cuidar do outro. “Que se arranjam” não faz parte do vocabulário cristão.

Assim que um dos Doze diz, com realismo: «Mas não temos aqui senão cinco pães e dois peixes», Jesus responde: «Trazei-mos cá». (vv. 17-18). Toma essa comida nas suas mãos, levanta os olhos ao céu, recita a bênção e começa a partir e dá as porções aos discípulos para distribuir. E esses pães e peixes não se esgotam, são suficientes para satisfazer milhares de pessoas.

Com este gesto Jesus manifesta o seu poder, não de uma forma espetacular, mas como um sinal da caridade, da generosidade de Deus Pai para com os seus filhos cansados e oprimidos. Está imerso na vida do seu povo, compreende o seu cansaço, compreende os seus limites, mas não deixa que ninguém se perca ou desfaleça: alimenta com a sua Palavra e dá comida abundante para o sustento.

Nesta narração evangélica percebe-se também a referência à Eucaristia, especialmente quando descreve a bênção, o partir do pão, a entrega aos discípulos, a distribuição ao povo (v. 19). E deve notar-se quão estreita é a ligação entre o pão eucarístico, alimento para a vida eterna, e o pão quotidiano, necessário para a vida terrena. Antes de se oferecer ao Pai como Pão de salvação, Jesus ocupa-se da comida para aqueles que O seguem e que, para estar com Ele, se esqueceram de tomar providências. Por vezes o espírito e a matéria estão em contraste, mas na realidade o espiritualismo, tal como o materialismo, é alheio à Bíblia. Não é uma linguagem da Bíblia.

A compaixão, a ternura que Jesus mostrou para com as multidões não é sentimentalismo, mas a manifestação concreta do amor que cuida das necessidades das pessoas. E somos chamados a aproximarmos da mesa eucarística com estas mesmas atitudes de Jesus: [antes de tudo] compaixão pelas necessidades dos outros. Esta palavra é repetida no Evangelho quando Jesus vê um problema, uma doença ou aquelas pessoas sem comida. “*Compadeceu-se delas*”. A compaixão não é um sentimento puramente material; a verdadeira compaixão é *sofrer com*, assumir as dores dos outros. Talvez hoje nos faça bem perguntar a nós mesmos: sinto compaixão? Quando leio as notícias sobre guerras, fome, pande-



mias, tantas coisas, será que sinto compaixão por essas pessoas? Será que tenho pena das pessoas que estão próximas de mim? Sou capaz de sofrer com elas, ou olho para o outro lado ou digo “que se arranjam”? Não esquecer esta palavra “compaixão”, que é confiança no amor providente do Pai e significa partilha corajosa.

Que Maria Santíssima nos ajude a percorrer o caminho que o Senhor nos mostra no Evangelho de hoje. É o caminho da fraternidade, que é essencial para enfrentar a pobreza e o sofrimento deste mundo, especialmente neste momento grave, e que nos projeta para além do próprio mundo, porque é um caminho que começa com Deus e regressa a Deus.

No final do Angelus o Pontífice rezou pelo «povo da Nicarágua que sofre devido ao atentado à Catedral de Manágua», falou da indulgência plenária oferecida pelo “Perdão de Assis” e desejou um relançamento do emprego sobretudo em vista do pós-pandemia.

Amados irmãos e irmãs!

Estou a pensar no povo da Nicarágua que sofre devido ao atentado à Catedral de Manágua, onde a muito venerada imagem de Cristo, que acompanhou e sustentou a vida do povo fiel ao longo dos séculos, foi gravemente danificada — quase destruída. Queridos irmãos nicaraguenses, estou próximo de vós e rezo por vós.

De ontem até à meia-noite de hoje comemora-se o “Perdão de Assis”, o dom espiritual que São

Francisco obteve de Deus através da intercessão da Virgem Maria. É uma indulgência plenária que pode ser recebida aproximando-se dos Sacramentos da Confissão e da Eucaristia e visitando uma igreja paroquial ou franciscana, recitando o Credo, o Pai-Nosso e orando pelo Papa e pelas suas intenções. A indulgência também pode ser concedida a uma pessoa falecida. Como é importante pôr sempre no centro o perdão de Deus, que “gera o paraíso” em nós e à nossa volta, este perdão que vem do coração de Deus que é misericordioso!

Saúdo-vos com afeto a vós aqui presentes, Romanos — muitos! — e peregrinos: vejo ali os alpinos de Palosco, saúdo-os! Também muitos brasileiros acolá, com as bandeiras. Saúdo todos, inclusive os devotos da Imaculada, sempre presentes.

E estendendo os meus pensamentos a todos aqueles que estão ligados, espero que durante este período muitos possam viver alguns dias de descanso e contacto com a natureza, para recarregar também a dimensão espiritual. Ao mesmo tempo, espero que, com o empenho convergente de todos os líderes políticos e económicos, o trabalho seja relançado: sem trabalho as famílias e a sociedade não podem ir em frente. Rezemos por este que é e será um problema da pós-pandemia: pobreza, falta de trabalho. E é necessária muita solidariedade e criatividade para resolver este problema.

Desejo a todos bom domingo. E por favor não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!